MIGUEL REALE

Atendendo ao pedido de vários amigos vou relatar as observações que fiz e quais as respostas dadas pelo Sumo Pontífice quando, no encantador bairro do Sumaré, no Rio de Janeiro, recebeu um grupo de intelectuais brasileiros para dialogar sobre problemas de nosso tempo. Os jornais, do dia 2 de julho último publicaram o texto da conferência proferida pelo Papa em português, na noite anterior, mas pouco ou quase nada disseram quanto ao objetivo essencial do encontro que, conforme desejo expresso por Sua Santidade, era trocar idéias sobre os temas expostos, "estando ali, salientou ele, não para perguntar, mas para ser perguntado".

Cabe salientar, inicialmente, que foi somente às 22 horas, como derradeiro ponto de intenso programa de visitas e de encontros, seguidos de longa missa, que João Paulo 2.º nos dirigiu a palavra, após fazer questão de cumprimentar pessoalmente cada um dos participantes, com aquele seu sorriso afável que tanto nos lembra a João 23 como a João Paulo 1.º.

Em seu discurso, o Papa situou o problema da cultura segundo três perspectivas essenciais: a liberdade e dignidade da pessoa humana, como sua condição essencial; a pluralidade, consequência da livre afirmação daquilo que cada povo deve e lhe é próprio; e a sábia moralidade, como "dimensão primeira e fundamental da cultura".

Em seu discurso, o Papa deu ênfase à cultura animi, ou seja, à cultura do espírito, que não pode, porém, ser realizada sem se superar "o grave estado de depressão em que se encontram inteiras populações por causa de suas condições econômicas", por terem os povos mais desenvolvidos gerado "o consumismo, que se encontra na origem de desequilíbrios cada vez mais acentuados entre povos ricos e povos pobres, entre populações de um mesmo Estado".

Situado, assim, o problema cultural com admirável realismo, o Santo Padre lembrou as dimensões fundamentais da cultura que, a seu ver, são a liberdade, como condição da dignidade da pessoa humana e de um humanismo integral; o pluralismo, como resultado da faculdade que deve ser assegurada a cada povo e a cada grupo humano para afirmar-se segundo seus valores próprios e originários; e a sábia moralidade, "a dimensão primeira e fundamental de cada cultura".

Em se tratando de questões que há muitos anos vêm preocupando meu espírito e que ainda recentemente foram objeto de estudo no livro intitulado "Experiência e Cultura", talvez o ponto culminante de minhas lucubrações filosóficas, foi com natural entusiasmo que ouvi a aula que nos dava o Sumo Pontífice, marcada por uma compreensão aberta e atualizada da problemática cultural. Essa foi a razão que me levou a falar, valendo-me do gentil convite formulado, menos pelo

desejo de perguntar do que pelo interesse de ouvir.

Dado o adiantado da hora fui, naturalmente, breve, colocando duas questões que a exposição suscitara em meu espírito. A primeira decorria da compreensão da cultura como afirmação e desenvolvimento do valor da pessoa humana, por mim entendida, aliás, como "valor-fonte de todos os valores", o que me parecia corresponder, em linhas gerais, ao ensinamento papal que acentuava, outrossim, a necessidade de um encontro entre a Igreja e a cultura, em razão do homem, apresentado como "ser-no-mundo", sujeito de desenvolvimento, para uma e para outra, mediante a palavra e a graça de Deus.

Isto posto, indagava eu da relação entre cristianismo e "cultura cristã" uma vez que esta, enquanto realização histórica dos valores cristãos, não pode deixar de ser relativa e contingente, ao passo que aqueles valores se apresentam como eternos e absolutos, e expressão da divindade de Cristo.

Em seguida, realcei o alto significado do discurso ouvido, no tocante à pluralidade das culturas, "unificadas, dissera o Pontífice, pelo respeito mútuo, pelo reconhecimento das peculiaridades culturais, pelo diálogo que enriquece a uns com os valores e as experiências dos outros". Só podia enaltecer esse entendimento exigido pelo mundo atual, caracterizado pela diversidade e complementaridade de imensas áreas culturais, mas solicitava mais uma palavra elucidativa sobre o modo de ser e de agir dos cristãos, não somente em relação às culturas diferentes da sua, mas perante as declaradamente anticristãs que ocupam tão largo espaço no cenário da civilização contemporânea.

Antes de referir-me à manifestação do Papa a propósito das cinco intervenções havidas, lembro que João Paulo 2.º pediu vênias para responder em francês, por parecer-lhe que o seu conhecimento da "rica e bela língua portuguesa" não lhe era ainda bastante para exprimir seu pensamento, ponderando, ainda, que, após um dia de tão fortes emoções, e "aquela hora canônica", a sua vontade natural era a de falar polonês...

Com admirável domínio do idioma de Descartes, e com clareza deveras cartesianas, passou ele à análise das questões propostas, esclarecendo e completando o seu discurso. Ao calor daquelas palavras ditas de improviso, todos sentimos a força de um pensamento denso e concretamente vivido por uma das personalidades mais significativas de nosso século. Palavras francas e claras, sem subterfúgios obscuros ou a máscara do hermetismo.

No concernente à primeira de minhas indagações, disse-nos João Paulo 2.º que, efetivamente, nenhuma cultura, nenhuma civilização, nem mesmo a cristã, logra realizar em sua plenitude todas as virtualidades do cristianismo. Também ela é uma tentativa perene de realização dos valores que a transcendem, cabendo-nos, por

isso, ter consciência de suas limitações históricas. O fato, porém, do homem, como ser finito e livre que é, não poder atingir todo o significado escatológico da mensagem de Cristo, não nos impede de procurar viver em consonância com ela, o que somente poderá ser alcançado com dedicação e amor. Há nesse renovado esforço do homem, visando a realizar-se no sentido de Deus (procuo me lembrar das palavras papais com a maior fidelidade possível) um valor infinito, e nada deve impedir que essa tarefa se cumpra.

Dizia, em suma, Sua Santidade, — e esta já é uma interpretação minha — que o mistério não constitui óbice, mas representa antes um estímulo para atingirmos os valores revelados pelo "Deus-homem", a fim de que o homem possa aperfeiçoar-se cada vez mais, individual e comunitariamente, desde que não caia na tentação de converter-se em "Homem-deus".

No concernente à segunda questão por mim oferecida, o Sumo Pontífice afirmou que a cultura cristã, em virtude de sua inevitável contingência histórica, não podia permanecer isolada, devendo abrir-se para todas as formas de civilização, sem receio do "diálogo com as culturas", pois esse diálogo só poderá ser benéfico a umas e outras, ao serem percebidos os valores que elas têm em comum e os que as distinguem.

Referiu-se, então, Carol Woitila à sua experiência pessoal em sua terra natal, na Polônia, lutando pela preservação de uma cultura tradicionalmente cristã, ameaçada por teorias manifestamente anticristãs, o que não o havia impedido de dialogar com representantes do ateísmo mais declarado. É que, mesmo nessas circunstâncias, o verdadeiro cristão encontra motivos para ver iluminada e esclarecida a própria crença. E acrescentou, com sutil ironia, ter-lhe sido dado perceber, no fundo da alma de certos ateus confessos, uma reprimida aspiração à transcendência, porque o homem é só homem na medida em que se transcende.

Eis aí, em seus pontos capitais, o que ficou em minha memória do mais extraordinário dos diálogos em que me vi empenhado, e cujo ensinamento maior talvez consista na consciência que deve ter o pensador da dignidade de sua tarefa, a qual se distingue como busca amorosa de algo que de antemão sabemos não nos ser dado atingir em sua plenitude.

É possível que na lição de Woitila, inspirado tanto no tomismo como no "personalismo axiológico" de Max Scheler e Roman Ingarden, ressoasse também a agônica advertência de Pascal: "Se tu me procuras, é porque já me encontraste."

Miguel Reale é professor da Faculdade de Direito da USP, ex-reitor dessa Universidade, membro das Academias Brasileira e Paulista de Letras e ex-secretário da Justiça do Estado de São Paulo.